

# Aquecimento global

A “mentira premiada” que ameaça a vida no Planeta<sup>1</sup>

José de Souza Silva<sup>2</sup>  
josedesouzasilva@gmail.com

**Campina Grande-PB**  
1º de Maio de 2014

---

<sup>1</sup> Artigo para publicação pela União Geral dos Trabalhadores (UGT) do Brasil.

<sup>2</sup> Pesquisador da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa) em Campina Grande-PB.

## Introdução

A humanidade vive mais da mentira que da verdade. A Europa contou sua história particular como a história universal, mas cada povo tem sua história; instituiu 1492 como o ano do descobrimento da América, mas a China visitou todos os continentes nos anos 1420, sem intenção de conquista, reduzindo os “descobrimientos” posteriores a simples invasões; e realizou a classificação social da humanidade (civilizados-primitivos) como se existissem raças superiores e inferiores que, cientificamente, não existem. Os Estados Unidos hierarquizam a humanidade em desenvolvidos-subdesenvolvidos como se houvesse um modo de vida superior, o desenvolvimento, e outro inferior, o subdesenvolvimento, mas os povos foram, são e serão sempre diferentes; violam a soberania de outros países para “proteger” a democracia, sem praticá-la nos países invadidos; e promovem o terrorismo como o *Inimigo Público N° 1* da humanidade, como se o fenômeno fosse natural, mas ele surge de injustiças do mais forte, como a invasão do Iraque para controlar seu petróleo denunciando armas de destruição massiva que nunca existiram. O Banco Mundial prometeu nos anos 1970 o fim da pobreza até o ano 2000, trabalhando só com os pobres, sem enfrentar a opulência, fingindo que a pobreza é um fenômeno natural, como se não derivasse do fenômeno mais amplo e desigual da produção e apropriação da riqueza. A Comissão Brundtland instituiu o “desenvolvimento sustentável” como o *conceito* mais importante do fim do século XX, que não é um conceito, só uma *promessa* não cumprida: [prometo] atender as necessidades do presente sem comprometer a possibilidade de as gerações futuras atenderem suas próprias necessidades. São mentiras tão grandes que parecem verdades, como a do aquecimento global.

### Mentiras sedutoras

São cinco séculos de mentiras bem contadas. Desde 1492, o objetivo das mentiras globais é ocultar o expansionismo inevitável, incontrolável e corrosivo do capitalismo racial, patriarcal, excludente e ecocida cuja fome insaciável devora mercados cativos, matéria prima abundante, mão de obra barata, mentes dóceis e corpos disciplinados, enquanto viola o humano, o social, o cultural, o ecológico e o ético nos territórios usurpados, imaginários destruídos, saberes silenciados e sonhos abortados. Para evitar que o capitalismo seja visto como o inimigo da vida, as potências ocidentais nos mantêm refêns de mitos civilizatórios, o progresso no passado e o desenvolvimento no presente, ideias vazias e ambíguas, mas sedutoras, que ocultam a natureza do sistema. O saber (ciência) é subordinado ao poder (política) para servir ao capital em detrimento da vida (ética) numa estratégia cujo sucesso depende da legitimidade da dicotomia superior-inferior que dá ao mais forte o direito à dominação e exige do mais débil a obrigação da obediência. A cumplicidade entre o poder e o saber é constatada, por exemplo, na penetração histórica do capital na agricultura; antes na colonização imperial, hoje na globalização neoliberal, para “fazer dinheiro” onde há opulência, não para alimentar onde há fome.

A Europa legou muitas das mentiras globais. Entre elas: a colonização como um missão nobre e o progresso como certeza de prosperidade e felicidade para todos. Essas mentiras integraram o modelo de *desenvolvimento induzido* do Novo Mundo, no qual o “direito do mais forte”, constitutivo da dicotomia superior-inferior, se ocultou na “ideia de progresso”, ou seja, capitalismo, que exige a adoção da ciência, tecnologia e cultura ocidentais. Para legitimar a colonização como uma iniciativa filantrópica, na qual os civilizados ajudariam os primitivos a ser como Eles, o poderoso generoso fingiu transferir tecnologia do Velho para o Novo Mundo, mas resultou na institucionalização inter-

nacional da desigualdade no desenvolvimento da agricultura tropical, para subordinar o poder transformador das ciências agrárias ao poder econômico de seu tempo. Desde 1492, os benefícios de cada avanço paradigmático nas ciências agrárias são apropriados principalmente pelas potências ocidentais através de um tipo particular de instituição.

Quando prevaleceu a Botânica Econômica, que observa, identifica, classifica e compara, mas não transforma, a **ciência imperial** usou Jardins Botânicos para pesquisar, em diferentes latitudes, o comportamento de plantas tropicais úteis à economia dos impérios. Em 1800 já existiam 1600 jardins botânicos na África, América Latina e Ásia. No Brasil, a criação do Jardim Botânico do Rio de Janeiro, originalmente chamado Estação de Aclimação, foi parte dessa estratégia institucional. Com a emergência da Química Agrícola no século XIX, que intervém no desempenho produtivo das plantas com o uso de nutrientes químicos, a **ciência colonial** usou Estações Experimentais Agrícolas para investigar plantas tropicais de interesse da Europa. Em 1900 já existiam 800 estações experimentais nos trópicos. A criação do Instituto Agrônomo de Campinas (IAC) no Brasil, inicialmente denominado Estação Imperial, respondeu a esta estratégia institucional. Com a ascensão da Genética Mendeliana no século XX, na qual um híbrido corresponde a uma patente biológica, foram criados Centros Internacionais de Pesquisa Agrícola (CIPAs) nas regiões de origem/diversidade genética dos cultivos agrícolas críticos para a humanidade, para que a **ciência internacional** facilitasse o acesso do Norte temperado aos recursos genéticos do Sul tropical. Hoje existem 15 CIPAs. No Brasil, a criação da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária (Embrapa) não foi autóctone; respondeu à estratégia institucional dos Estados Unidos para criar Institutos Nacionais de Investigação Agrícola (INIAs) que deveriam ser contrapartes dos CIPAs.

A ciência hoje detém o poder de alterar o código da vida. Com a Biologia moderna reeditando o código genético de vegetais, animais e microrganismos, para escrever a gramática econômica das corporações transnacionais que exigem uma agricultura transgênica, foi criada a Organização Mundial da Propriedade Intelectual (OMPI) para controlar o conhecimento gerado pela **ciência comercial** que reduz a natureza a serviços ambientais privatizáveis e bio-*commodities* mercantilizáveis. Essa e outras estratégias para ocultar o capitalismo continuam legitimadas pelos mitos do progresso e do desenvolvimento, dirigindo a atenção da humanidade às causas imediatas de sua vulnerabilidade, vinculando-as a “problemas de desenvolvimento”, como as emissões de CO<sub>2</sub> derivadas da atividade industrial, enquanto a distanciam da causa profunda dos referidos problemas: a natureza do modo de produção e consumo da sociedade industrial capitalista.

### **Mentira premiada = verdade legitimada**

A mentira é a filosofia de negociação pública dos guardiões do capitalismo. Para desviar nossa atenção da irracionalidade capitalista da acumulação infinita de riqueza material num Planeta finito, através de crescimento econômico ilimitado e do lucro máximo a curto prazo a qualquer custo, pautando a dinâmica capitalista do modo de produção e consumo dominante, a “comunidade internacional” quer convencer-nos de que o capitalismo não é o problema, mas o aquecimento global. Trata-se de outra mentira que ganhou o *status* de verdade com a cumplicidade do Comitê Nobel norueguês, que premiou o IPCC (Painel Intergovernamental sobre Mudanças Climáticas) e Al Gore com o Nobel da Paz em 2007. Essa manipulação deu legitimidade científica e política à construção da maior mentira da “comunidade internacional” para exonerar o sistema capitalista da vulnerabilidade da vida na Terra. O Prêmio legitimou as verdades do **4º Relatório do**

**IPCC** e do documentário **Uma Verdade Inconveniente** de Al Gore. Se toda proposta se inspira em uma premissa (verdade) que é a fonte de coerência das decisões e ações dela derivadas, investiguemos a verdade que inspira os dois atores premiados, a hipótese do aquecimento global: *Existe um aquecimento global progressivo, de natureza antropogênica, resultante das crescentes emissões de CO<sub>2</sub>, desde a Revolução Industrial.*

Existem dúvidas mais que razoáveis quanto à sustentação científica dessa hipótese. Por isso, Al Gore ocultou as dúvidas científicas sobre o aquecimento global, confessando no livro *A Terra em Jogo*: “posto que continuamos descrevendo a crise [climática] em termos científicos, isso nos faz vulneráveis frente à minoria de investigadores cujos argumentos tendem a negar sua existência. Se, ao introduzir no debate público tudo quanto ainda ignoramos sobre essa ameaça ao meio ambiente, o apresentamos como um sinal de que a crise poderia não ser real, estaremos socavando os esforços para conseguir apoio público efetivo para as duras medidas que breve teremos que tomar”. O IPCC é constituído por cientistas, mas não é um painel científico; não faz pesquisas científicas para sustentar suas afirmações, revisa a bibliografia de pesquisas científicas feitas por cientistas que não integram o Painel. É um painel intergovernamental, político. Assume o aquecimento global como um fato irrefutável e reduz o debate à natureza antropogênica ou natural do fenômeno. Por que o IPCC não testa a **hipótese rival**, de que o aquecimento global iniciado ao redor de 1978 representa um fenômeno natural cíclico? Uma hipótese antecipa a explicação de um fenômeno, exigindo evidências empíricas e eventualmente históricas para confirmá-la ou negá-la. Por exemplo, se uma hipótese estabelece que todos os ursos são pretos, a existência de um urso de outra cor destrói essa hipótese. Segundo a hipótese do IPCC, a temperatura média global da Terra aumenta com o aumento das emissões de CO<sub>2</sub> desde a Revolução Industrial. Como não há evidências empíricas de *pausa* nas emissões de CO<sub>2</sub>, que crescem exponencialmente com o aumento da atividade industrial, a existência de evidências empíricas de um *hiato* no aumento da temperatura média global da Terra, como nos últimos 15 anos, desqualifica essa hipótese. Porém, essa verdade teve sua importância seriamente diminuída.

### **Verdades silenciadas**

O planeta já deixou de esquentar e vai começar a esfriar. Ao contrário do que propõe o IPCC, este hiato é a transição para outro ciclo de esfriamento que atingirá seu auge nos anos 2030, segundo a história das relações Terra-Sol. A hipótese do IPCC ignora que a Terra pertence ao **Sistema Solar** e, portanto, a dinâmica de seu clima global responde à dinâmica do **Sol** que é o Rei do nosso sistema planetário. A história do clima global da Terra é mais antiga do que a presença humana no Planeta. Ciclos de aquecimentos e esfriamentos ocorreram muito antes da Revolução Industrial e continuarão a ocorrer enquanto durar essa história que já tem 4.5 bilhões de anos. Por um lado, nos últimos 10 mil anos, ocorreram períodos quentes significativos, como no Ótimo Climático do Holoceno há 7 ou 8 mil anos, na Idade do Bronze há 3.5 mil anos e no Período Quente Medieval entre 900 e 1200 d.C. Por outro lado, nos últimos 130 anos, as temperaturas estiveram mais elevadas que as atuais nos anos 1930-1940. Frente a evidências históricas e empíricas que contradizem sua hipótese, o IPCC tem a obrigação moral de testar a **hipótese rival** para encontrar (ou não) razões científicas para mudar sua interpretação da causa profunda das mudanças climáticas. As evidências confirmam que o CO<sub>2</sub> não controla o *clima global* do Planeta, que varia com as variações na dinâmica do Sol. Uma coisa é o **clima global** (*global climate*), outra coisa é o **clima local** (*local weather*). A ação humana não altera o *clima global*, mas destrói os *climas locais*. Portanto, o fato do

atual aquecimento global ser natural, cíclico, não é uma *licença científica* para que continuemos cultivando o modo de produção e consumo dominante que destrói as variáveis físicas, químicas e biológicas, assim como as crenças culturais e práticas sociais, constitutivas dos climas locais, alterando os **ecossistemas regionais** do Planeta. As catástrofes naturais que o IPCC usa para demonstrar sua hipótese derivam de rupturas de padrões climáticos regionais, resultantes da destruição de climas locais e dos correspondentes ecossistemas regionais, e não do aumento da temperatura média global da Terra. A “temperatura mais alta de todos os tempos”, registrada em qualquer lugar, ocorre em metrópoles de asfalto e concreto onde as populações vivem em “**ilhas de calor**” urbanas, nunca numa área com vegetação onde a água se infiltra e, com ela, o calor do Sol.

Nas relações Terra-Sol, o protagonista é o Sol. No que concerne aos pequenos esfriamentos e aquecimentos da Terra, nosso planeta se comunica com o Sol através dos oceanos, principalmente do maior deles, o Oceano Pacífico, cuja dinâmica tem uma oscilação decadal, conhecida como Oscilação Decadal do Pacífico (ODP), uma fria de 25-30 anos e outra quente de 25-30 anos, respondendo à variação da dinâmica do Sol. Por exemplo, entre 1925 e 1946, o Pacífico entrou em sua ODP quente, respondendo a uma maior atividade solar, produzindo um pequeno aquecimento global, e entre 1947 e 1976 entrou em sua ODP fria, respondendo a uma menor atividade solar, produzindo um pequeno esfriamento global. O reflexo dessa dinâmica na temperatura média global da Terra foi insignificante. Entre 1920 e 1946, a temperatura média global aumentou 0,4°C, quando as emissões de CO<sub>2</sub> correspondiam apenas a cerca de 20% das atuais, enquanto entre 1947 e 1976 a temperatura média global diminuiu 0,2°C, quando as emissões de CO<sub>2</sub> haviam aumentado velozmente depois da Segunda Guerra Mundial, o que contradiz a hipótese do IPCC no que se refere à relação direta entre a concentração de CO<sub>2</sub> e o clima global da Terra. Em conclusão, o CO<sub>2</sub> não controla o clima global da Terra; o Sol está no comando. Por isso, frente à irrefutabilidade dos ciclos de aquecimento e esfriamento no século XX e do hiato no aumento da temperatura média global da Terra nos últimos 15 anos, a nova estratégia dos ideólogos do “desenvolvimento”, ou seja, do capitalismo, é falar menos de aquecimento global e mais de mudanças climáticas, porque estas existem, de fato, e podem ser constatadas em suas consequências.

### **Mentiras assustadoras**

Frente ao ceticismo crescente sobre o tema, o IPCC apela para o medo. Sem confiar no poder de convencimento de sua hipótese, porque não demonstra a causa do aquecimento global, o Painel agora tenta assustar a humanidade. As catástrofes naturais contemporâneas são exploradas como evidências (espúrias) do fenômeno e terríveis catástrofes são projetadas para o futuro se as emissões de CO<sub>2</sub> não são reduzidas. Por exemplo, o IPCC anuncia em seu 4º Relatório que o nível médio dos mares pode subir 60 centímetro até 2100, enquanto Al Gore diz em seu documentário que o nível do mar vai subir 6 metros, apesar de comprar por USD 9.000.000 uma mansão em Montecito, Califórnia, no nível do mar. Porém, o nível médio dos mares subiu apenas 2,7 mm/ano entre 1993-2010, totalizando cerca de 5 centímetros, naturais e normais, devido ao ciclo lunar de 18,6 anos. As catástrofes naturais sempre existiram, mas não dispúnhamos de televisão para transformá-las em espetáculos. Nos Estados Unidos, quando as emissões de CO<sub>2</sub> ainda eram baixas, uma onda de calor em 1896 matou mais de 3 mil habitantes, somente em Nova York, e em 1900 ocorreu o mais mortífero furacão (Galvestone, Texas) que matou mais de 10 mil pessoas. Em 1877-79, uma seca matou mais de 500 mil pessoas no Nordeste do Brasil e mais de 5 milhões de asiáticos. Por que o IPCC não se refere a grandes

catástrofes passadas? Por que governos e lideranças de distintas geografias, ideologias e religiões não enxergam a hipocrisia global organizada em nome do “desenvolvimento”?

Ver bem não é ver tudo; é ver o que a maioria não vê. Se a maioria olha para onde lhe mandam olhar, negligenciando ângulos ocultos daquilo que necessita compreender para aceitar, rejeitar ou transformar, olhemos para onde a maioria não está olhando. A observação de ângulos invisíveis para a maioria revela mitos a derrubar (progresso, desenvolvimento) e relações, significados e práticas a cultivar para restaurar a resiliência do Planeta e resgatar a sustentabilidade dos modos de vida humana e não humana. No caso em questão, descolonizemos o pensamento hegemônico e revisemos as premissas (ontológicas, epistemológicas, metodológicas e axiológicas) do discurso sobre o fenômeno; elas são falsas verdades que inspiram falsas promessas e soluções inadequadas.

Como surgiu, legitimou-se e é reproduzida a mentira nesse caso? Respondamos às perguntas: (a) quem enunciou a verdade da existência de um aquecimento global progressivo e antropogênico?; (b) onde essa verdade foi institucionalizada?; (c) em que momento histórico foi enunciada?; (d) qual a intenção de sua invenção?; (e) quem a legitimou?; e (f) que instituições a reproduzem entre as sociedades? Confirmando a cumplicidade histórica entre o saber e o poder, o IPCC, com sua *autoridade do argumento* científico, e Al Gore, com seu *argumento da autoridade* política, são os atores visíveis do espetáculo fabricado para chocar o mundo anunciando o aquecimento global como o mais grave problema da humanidade no século XXI. O Quarto Relatório do IPCC e o documentário de Al Gore são as “fontes fidedignas” da verdade enunciada. O momento histórico da legitimação da premissa, com a entrega do Prêmio Nobel da Paz em 2007, é a primeira década do século XXI, quando a crise estrutural do capitalismo chegou ao Norte e se instalou no coração do sistema. A intenção político-ideológica é desviar a nossa atenção da causa profunda da atual crise civilizatória, para não reconhecer que a natureza capitalista do modo de produção e consumo da sociedade industrial ameaça a vida na Terra, apresentando o “bode expiatório” a combater: as emissões industriais de CO<sub>2</sub>. Desde a questionável premiação do Comitê Nobel norueguês ao IPCC e Al Gore, a institucionalidade dependente das Nações Unidas usa os sistemas globais e locais de cooperação, comunicação, inovação e educação para reproduzir a “mentira premiada”. Por exemplo, a televisão mostra geleiras “derretendo”, mas o que vemos são partes de geleiras ‘desmoronando’. Desmoronar é natural, cíclico e diferente de derreter. No próximo esfriamento as geleiras se recomporão, se pararmos de destruir os climas locais.

### **Contra o desenvolvimento e pela vida**

Que *verdade incômoda* se oculta na *mentira conveniente* do aquecimento global? Historicamente, o capitalismo supera suas crises recorrentes ocupando novos espaços de acumulação com o apoio de inovações, como reconhece, para o momento atual, o maior banco alemão: “Invista no futuro, com produtos sustentáveis do Deutsche Bank. Quando examinamos a economia global, faz-se visível a amplitude das oportunidades de negócios no setor da mudança climática [...] as empresas e os investidores estão se dando conta que a mudança climática não é meramente um assunto social, político ou moral, mas também um assunto econômico e de negócios”. Corporações transnacionais se preparam para realizar o maior assalto aos tesouros naturais da Terra. Reduzindo a natureza a serviços ambientais e bio-*commodities*, a “economia verde” foi lançada na Rio+20 como a solução para a crise do desenvolvimento sustentável e a erradicação da pobreza, mas não passa do novo disfarce do desenvolvimento, ou seja, do capitalismo. A econo-

mia verde é o lobo—*o capital*—vestido com uma pele da cor da ovelha—*a natureza*—que quer devorar. A natureza é a última fronteira do saqueio histórico de “recursos naturais” para alimentar a fome insaciável do capitalismo disfarçado de desenvolvimento. Os que mais contaminam são os que mais precisam da mentira do IPCC. Conscientes de que o CO2 não controla o *clima global*, os países industrializados e os que pretendem industrializar-se necessitam dessa mentira para continuarem destruindo os *climas locais*. Eles serão servidos por tecnologias convenientemente promovidas como verdes, limpas.

Já não se fala de natureza, só de serviços ambientais (biodiversidade, ciclo hidrológico, polinização..., energias renováveis, genes, alimentos, fibras..., beleza cênica, paisagens..., valores históricos, culturais, religiosos, espirituais...) e bio-mercados (carbono, água, biomassa...). A apropriação tecnológica da natureza será facilitada por inovações promovidas como a panaceia para esfriar o Planeta de um aquecimento global antropogênico que não existe. Para colocar um preço na natureza, o Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (PNUMA) provê a metodologia *The Economics of Ecosystems and Biodiversity* (TEEB), da qual resulta, por exemplo, o Pagamento por Serviços Ambientais (PSA). Entre as inovações para viabilizar o maior negócio do futuro se encontram, por exemplo, o Mecanismo de Desenvolvimento Limpo (MDL), Certificado de Emissões Reduzidas (CER), Redução de Emissões por Desflorestamento e Degradação (REDD) e a Bioenergia com Captura e Estocagem de Carbono (BECCS, em Inglês), que não cumprem as promessas feitas em nome delas. Ao contrário, permitem a continuidade da atividade industrial contaminante por parte dos que podem pagar por elas.

Povos do mundo, uni-vos contra o “desenvolvimento”, ou seja, o capitalismo. Segundo o **World Protests 2006-2013**, elaborado pela *Initiative for Policy Dialogue*, Universidade de Columbia, em conjunto com *Friedrich Ebert Stiftung*, escritório de Nova York, o mundo entra no século XXI convulsionado pela maior onda de protestos da história da humanidade. Foram 843 protestos em 87 países só nos últimos 8 anos. Mas, toda essa energia foi pulverizada em torno de quatro causas imediatas da insatisfação generalizada: justiça econômica e anti-medidas de austeridade, falhas dos sistemas políticos e da democracia representativa, justiça global e direitos dos povos. Por que não dirigir essa energia (desperdiçada, já que não superou os problemas denunciados) contra a causa profunda da desigualdade e vulnerabilidade globais? Depois de séculos de progresso (capitalismo) e décadas de desenvolvimento (capitalismo), a humanidade está mais desigual e o Planeta mais vulnerável. Como o aquecimento global antropogênico não existe e a Terra vai esfriar depois do hiato no aumento da temperatura média global, a adesão à “mentira premiada” esteriliza a possibilidade de uma agenda de iniciativas políticas, econômicas, culturais, tecnológicas, institucionais, para transformar a natureza e dinâmica do modo de produção e consumo da sociedade industrial capitalista.

A adesão à “mentira premiada” pospõe a construção do *dia depois do desenvolvimento*, que exige rejeitar a meta universal para todos os povos, ser desenvolvidos, a dicotomia superior-inferior (desenvolvidos-subdesenvolvidos), e a sociedade industrial capitalista como modelo a emular. O fim para os povos é ser felizes com modos de vida sustentáveis. Se eu soubesse agora que o mundo acabaria amanhã, não dormiria hoje plantando sementes prenes de indignação e esperança, para que germinem em mentes críticas e corações solidários, como nos movimentos sociais, para que estes desordenem o mundo do desenvolvimento e o reorientem para ‘a vida’. Se não nos indignamos com a “mentira premiada” e não cultivamos a esperança no *dia depois do desenvolvimento*, perpetuaremos o capitalismo que ameaça a vida na Terra. Até quando? A que custo?